

## **Discursos sobre emoção entre atletas olímpicos brasileiros**

Luiz Fernando Rojo

### **Introdução**

No que pode ser considerado o capítulo mais célebre de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda afirma que “o desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade” (Holanda 1995:148). Embora tal afirmação possa entrar em contradição com a perspectiva, defendida pelo próprio autor, de valorização da diversidade, ao permitir entendermos a “cordialidade” como traço de um suposto “caráter nacional”, é o próprio Sérgio Buarque, ainda no último capítulo de *Raízes do Brasil*, que irá indicar a restrição dos espaços do homem cordial, o que já se apresenta como uma tentativa de invalidar a percepção do “homem cordial” como representação de um espírito nacional sólido e permanente. Assim, “só é possível entender a cordialidade como síntese frágil de um passado instável, porque constituído a partir das necessidades do presente” (Avelino Filho 1987:41).

Apesar destas preocupações, no entanto, muitas das construções que foram e continuam sendo feitas do que seria a “identidade nacional” brasileira, parecem partir desta concepção mais unificadora e abstrata do que seria a “cordialidade”, para se desdobrar em outras características que decorreriam desta, tais como a “malandragem” e o “jeitinho”, exemplos que permeiam tantas obras que buscam definir o que seria “o brasileiro”.

Nesta pesquisa, minha intenção será trabalhar diretamente com o discurso produzido por atletas que irão participar ou que participaram dos Jogos Panamericanos

de 2007, no Rio de Janeiro, a partir de um enfoque contextualista. Este enfoque foi proposto por Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod (1990) para abordar os estudos sobre a emoção, no qual a heterogeneidade destes discursos e suas imbricações com as relações de poder, existentes na sociedade na qual eles são enunciados, são realçados. Assim, entendo que a partir da observação de como estes atletas se relacionam com a expectativa de que sejam não apenas “competentes” dentro de seus esportes, mas expressem uma emotividade “tipicamente brasileira”, poderei ter acesso a um discurso ainda pouco explorado dentro do campo da Antropologia dos Esportes: o dos próprios atletas que praticam outros esportes que não o futebol que, por motivos óbvios em um país como o Brasil, serviu como “ponta de lança” para um campo que buscava sua afirmação dentro das ciências sociais, ao mesmo tempo em que tentarei tecer pontes entre o estudo do fenômeno esportivo e o estudo das emoções.

Priorizar o ponto de vista dos atletas não significa, entretanto, ignorar que a perspectiva destes é construída a partir de valores que permeiam os diferentes segmentos da sociedade. Trata-se, deste modo, de situar o discurso sobre a emoção destes competidores no conjunto de uma polifonia discursiva, onde diversos atores, tais como a família, mídia, dirigentes, torcedores e outros, definem expectativas de comportamento diferenciadas para diversos grupos de atletas. Assim, o estudo da emoção não pode se dar de forma dissociada de uma série de variáveis que vão desde a influência do gênero, da origem social, da religiosidade, da condição de maior ou menor reconhecimento público do atleta, do esporte que cada um pratica (implicando em maiores ou menores cobranças sobre seu desempenho), das possíveis variações regionais e de discursos que associam emotividade com etnicidade e gênero, entre outros fatores.

## **A emoção como discurso**

Partindo da premissa de Foucault, de que “os discursos são práticas que formam de modo sistemático os objetos de que falam” (1972:49), Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz chamam a atenção para o fato de que “o foco no discurso permite não apenas observar o modo como a emoção, tal como o discurso do qual participa, é informada por temas e valores culturais, mas também o modo como atua em uma área controversa da atividade social, como afeta um campo social e como pode servir como idioma para a comunicação, não necessariamente sobre sentimentos mas sobre assuntos tão diversos como conflito social (White), papéis de gênero (Lutz) ou a natureza da pessoa ideal ou desviante” (Lutz e Abu-Lughod 1990).

Neste sentido, entendo que a análise do discurso sobre a emoção também pode nos revelar aspectos importantes sobre a relação entre a prática esportiva de alto nível e as diversas percepções, a que ela serve de suporte para a elaboração ou reforço de definições, de uma “identidade nacional”, com pelo menos duas consequências significativas na construção de interpretações sobre “o que faz do brasil... Brasil” (DaMatta).

A primeira delas está centrada no significado do conceito de discurso que será utilizado neste trabalho e, neste caso, cabe confrontá-lo com o modo com que DaMatta o utiliza. Assim, estudando três momentos rituais da sociedade brasileira – o Dia da Pátria; o carnaval e as procissões – ele define “cada um destes momentos como *discursos* sobre a estrutura social, de tal modo que creio ter deixado claro que tais discursos são simbólicos e expressivos de posições na estrutura social” (1997:71, grifo do autor). Na leitura de Lutz e Abu-Lughod, com que estarei trabalhando aqui, o discurso não é visto como “expressivo” da sociedade, mas como “forma de ação social

que produz efeitos no mundo, os quais são interpretados de um modo culturalmente informado por um público específico” (Rezende 2002:26). Assim, se o “discurso” de DaMatta está mais próximo da idéia de gramática, o discurso foucaultiano, que é apropriado por Lutz e Abu-Lughod para o estudo das emoções, enfatiza a pragmática ao privilegiar o campo da fala em detrimento da língua, do código.

A segunda consequência desta opção é que, tomar esta acepção de discurso significa ler as obras de cientistas sociais, como o próprio Roberto DaMatta, além de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e outros que buscaram interpretar o que seria “ser brasileiro”, também como discursos que estão permanentemente constituindo o “objeto” do qual falam. Todo texto sobre a “identidade nacional” (e, obviamente, o trabalho que ora apresento não se furta a ser incluído nesta lista) deve ser entendido não exclusivamente como “leituras” da realidade, mas, textos que são, como “formas de ação social que produzem efeitos no mundo”. Assim, a interpretação de cada um destes autores reforça ou contrapõe-se aos estereótipos que são associados ao “brasileiro”, ao mesmo tempo em que reafirma ou contesta a idéia de uma “identidade nacional” única e homogênea.

No campo dos estudos sobre esportes isto pode ser percebido na ênfase com que alguns textos apresentam “o brasileiro” como dotado de uma característica – a “malandragem” – que é ora apresentada como decorrência direta de pressupostos raciais, ora como produzida pelo processo de sociabilização e de incorporação dos diferentes grupos sociais e étnicos na sociedade brasileira. Podemos ver reflexos deste debate na afirmação de Freyre de que “o desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de

cultura” (2003:25). Dialogando criticamente com autores da época, que viam na forte presença negra em nossa sociedade uma das causas de nosso atraso civilizacional, Freyre irá apontar para os aspectos positivos da miscigenação, ainda que mantendo uma perspectiva influenciada pelas teorias biologizantes da época. Assim, o aspecto de sublimação presente no futebol atingiria “os brasileiros brancos e, principalmente, *mestiços ou de cor, mais transbordantes de energias animais ou de impulsos irracionais*” (2003:24, grifo meu). Esta perspectiva, portanto, se coloca frontalmente em oposição a um relatório apresentado logo após a derrota na Copa de 1954, onde se recomendava que “nas próximas escalações da seleção não fossem convocados jogadores negros, mulatos ou mesmo descendentes de índios, uma vez que a capacidade de lidar com situações adversas destes elementos era notadamente inferior à dos jogadores brancos” (Agostino 2002:151).

Em um segundo momento da produção sociológica sobre a “identidade nacional”, estes aspectos étnicos aparecem secundarizados, privilegiando-se uma leitura de caráter sócio-econômico que, no entanto, no meu entender, mantém praticamente inalterada a percepção de uma sociedade dividida entre um grupo “mais civilizado” e outro “mais cordial”, ainda que as leituras mais complexas deste momento impliquem em pensar esta divisão como marcada por “tipos ideais”. Encontramos, assim, a utilização de categorias como “camadas médias intelectualizadas” para indicar um grupo que pode estar associado tanto às características do “individualismo” quanto da “introjeção do controle social” presentes nas chamadas “sociedades ocidentais”, enquanto as “camadas populares” seriam mais “relacionais” e “emotivas”. Em poucas obras esta divisão aparece de forma tão nítida quanto no trabalho de DaMatta sobre o carnaval, onde ele diz que “não é por acaso que durante o carnaval grupos de pessoas de

classe média e classe alta (sobretudo intelectuais sofisticados) deixam a cidade por ‘não poderem suportar o carnaval’ ou ‘a transformação da cidade num pandemônio’” (1997:174).

O carnaval, então, bem como o futebol – principalmente em sua expressão máxima da Copa do Mundo – apareceriam, nesta leitura, como momentos em que a “cara do Brasil” seria dada pela preponderância destes elementos “relacionais”, “emotivos”, “populares”. Note-se bem que não se trata aqui do futebol exclusivamente enquanto evento esportivo, que pode ser apreciado por pessoas das mais diversas camadas sociais, mas do que Freyre, DaMatta e Mário Filho apresentam como índices da transformação do futebol em “marca de identidade nacional”, ou seja, da incorporação de uma forma peculiar de praticar e, principalmente, torcer pela seleção nacional, onde “torcer” está associado, entre outros aspectos, com “ser supersticioso” (Gastaldo 2002) e com uma valorização da experiência comunitária, expressa tanto na prática das reuniões sociais e concentrações populares para assistir aos jogos, quanto idealmente na expressão “todos vibrando na mesma emoção” (música-tema da Copa de 1970).

Esta percepção da relação entre emoção, esporte e identidade nacional, onde a questão étnica assume relevância, não se encontra apenas entre cientistas sociais ou estudiosos da nacionalidade. Um exemplo da atualidade desta discussão, bem como da sua abrangência, pode ser visto em uma coluna do caderno de cultura de um jornal de grande circulação no Rio de Janeiro, escrita durante os Jogos Olímpicos de Atenas. O próprio título desta coluna, “Mari: o recado da loura gelada do vôlei”, já antecipa o ponto central da análise: o de que há uma mensagem, que pode ser lida na forma de jogar de Marianne Steinbrecher, “louríssima de olhos azul-huskie, 1,88m (...) e de uma

eficiência que costumamos chamar de germânica”, sobre coisas mais importantes do que o voleibol.

O mais interessante, a meu ver, na forma com que o colunista constrói seu argumento, é a comparação que ele traça com dois outros jogadores. O primeiro deles é Giba, da seleção masculina, que tem uma de suas jogadas descrita da forma como segue: “Quando, na categórica vitória contra a Rússia, Giba raciocinou numa fração de segundo, em pleno ar, decidiu dar um toque de leve contra o bloqueio gigante, fazendo assim a bola voltar, e aí sim baixou o braço, vimos, nas quadras, o tipo de astúcia que nos torna os reis da pelota no futebol”. A comparação com o “jeito brasileiro de jogar futebol” prossegue na associação entre o futebol de várzea e o vôlei nas praias, que desenvolvem o “jeitinho brasileiro” e nos fazem jogar (o futebol e o vôlei) “com um misto de paixão, inteligência e molecagem”. A segunda comparação é com Virna, uma das mais experientes jogadoras da seleção feminina, que aparece aqui mais como contraponto a Mari, uma vez que “Virna é **aquilo que os brasileiros esperamos dos brasileiros**: ela vibra, xinga, sorri” (grifo meu). Mari, por sua vez, não vibra como as amigas, não comemora as vitórias como as amigas de equipe, “tornadas crianças pela alegria”, não se enfeza com os erros “por conta do gelo que a envolve”, enfim não demonstra as emoções que caracterizam Virna, o resto da equipe e “os brasileiros”. Assim, se nosso jeito moleque de jogar nos torna “os reis das pelotas de futebol e vôlei”, a racionalidade “germânica” de Mari é, ao mesmo tempo, eficiente em quadra e fora dela ao lembrar que: “na alegria e na tristeza, na bola dentro e na bola fora, ganhar, perder, aquilo é só voleibol, a gente gosta, mas a segunda-feira já aponta”.

A escolha desta coluna como ponto de partida para a análise das relações entre esporte, emoção e identidade nacional, não é fortuita. Em primeiro lugar, ela é um

magnífico exemplo de como as impressões pessoais de um jornalista podem ser pensadas como um discurso que transforma as expressões de emoção dos atletas em marcas de uma “identidade nacional”; discurso que nos é apresentado como sendo não apenas do autor, uma vez que ele expressa “aquilo que os brasileiros esperamos dos brasileiros”. Além disso, ao mesmo tempo em que reafirma as características que nos identificam, a coluna também fala sobre um projeto de nação. Assim, subjacente ao “recado” de Mari, parece haver uma crença de que o “nosso jeitinho” é bom para ganhar os jogos, mas que o mundo do trabalho (a “segunda-feira que já aponta”) necessita da “racionalidade germânica”, do controle das emoções, que a incorporação dos valores dos imigrantes alemães poderia nos trazer.

O segundo motivo desta escolha foi o de que, talvez justamente pelas características desta jogadora, Mari foi uma das atletas que recebeu maior número de comentários durante as transmissões das partidas de vôlei da seleção feminina, quase todos seguindo a mesma linha de abordagem vista na coluna citada. Deste modo, por exemplo, uma ex-jogadora da seleção de vôlei, que comentava as partidas para um canal de televisão, dizia que “a Mari não parece jogadora da seleção brasileira, pois é calma, tranquila”. Esta mesma comentarista, quando as partidas começavam a se aproximar da fase final, dizia que “agora não dá para comentar nada, agora só dá para torcer”; uma frase que poderia soar estranha de ser dita por quem, afinal, está sendo paga para analisar as partidas para os telespectadores, mas que é repetida por locutores e comentaristas (muitos dos quais ex-atletas) de praticamente todas as emissoras. Neste sentido, durante as partidas da seleção de vôlei é esta emoção “brasileira” que se cobra seguidamente de Mari, parecendo mostrar que, para nós, não basta jogar bem, tem que jogar do “jeito brasileiro”.



A análise dos comentários sobre o comportamento de Mari é revelador, no entanto, de como a relação entre emoção e desempenho é contextual. No esporte, onde jogadas ou resultados são muitas vezes decididos em segundos, o mesmo “controle da emoção” que é criticado torna-se positivo, quando sua “ausência” é invocada como razão para as derrotas. Assim, a “falta de equilíbrio emocional” foi a resposta encontrada para justificar a perda da semifinal para a Rússia, onde a seleção teve diversas oportunidades para ganhar a partida e não conseguiu concretizar nenhuma delas. O “abalo psicológico” foi tão grande que teria causado não apenas a própria derrota para a Rússia, mas também a perda da medalha de bronze, na partida seguinte contra Cuba, uma vez que “as jogadoras e o próprio técnico ainda estavam abatidos com a partida anterior”, conforme declaração de um jornalista que cobria o evento. Nesta partida “Mari era o retrato da frustração. A jogadora, que contra a Rússia teve nas mãos quatro chances para fechar o jogo, acompanhou do banco de reservas, com lágrimas nos olhos, o fim do sonho olímpico”. Assim, se a “frieza” era algo “negativo” no que comportava de diferença em relação ao “jeito brasileiro” de jogar vôlei e de comemorar as vitórias, a emoção que a fez “tremar” (como a linguagem esportiva denomina a reação negativa frente à responsabilidade de um ponto ou momento decisivo) é que foi vista negativamente, no caso de derrota.

Esta forma contextual de lidar com as emoções, como ocorre no caso acima, é um dos aspectos que irá diferenciar a abordagem de Lutz e Abu-Lughod da perspectiva de Elias (1989, 1992), que analisa o desenvolvimento da capacidade de autocontrole das pulsões emocionais em termos do “processo civilizatório”. Segundo Elias, tanto as “ímpetuosas energias instintivas”, quanto a “aprendizagem do autodomínio” seriam “condições humanas universais” (1992:74-75). O que variaria, de acordo com cada

cultura e com a etapa de desenvolvimento histórico de cada uma delas, seriam as formas e intensidades desta capacidade de autocontrole. Ainda de acordo com Elias, as transformações ocorridas nas disputas de poder entre frações das classes altas inglesas, durante os séculos XVII e XVIII, favoreceram o desenvolvimento de um maior controle individual dos “impulsos libidinais, afetivos e emocionais mais espontâneos, assim como dos seus estados de espírito mais flutuantes” (1992:68). É importante salientar aqui que, sendo estes impulsos emocionais entendidos como parte da natureza humana, eles não são suprimidos, mas apenas constrangidos por um código de comportamento (regras de etiqueta, como Elias irá nomeá-las). Este constrangimento, por sua vez, irá impor a necessidade de canalizar estes impulsos e sentimentos para atividades que sejam individualmente atraentes e socialmente valorizadas, isto é, que se adequem à “sensibilidade existente face à violência física que é característica dos hábitos sociais das pessoas *no último estágio de um processo de civilização*” (1992:70, grifo meu). É esta configuração que, para Elias, poderia explicar o surgimento do esporte moderno na Inglaterra e sua posterior expansão pelo mundo, na medida em que o próprio processo civilizacional aí originado também se internacionalizasse.

Embora reconheçam que a obra de Elias teve o importante mérito de inaugurar “uma discussão sobre os tipos de mudanças que ocorreram em um dado cenário geográfico e histórico” (1990:4), Abu-Lughod e Lutz, ressaltam que “o fato de que Elias chame a isto ‘processo civilizador’ é sintomático de sua interpretação acrítica destas mudanças como envolvendo um refinamento de uma afetividade de certo modo preexistente” (1990:4), o que atestaria uma perspectiva essencialista em relação às emoções. Além disso, creio ser importante remeter ao texto no qual Elias irá apresentar sua teoria do processo civilizador, para entender como esta perspectiva vem associada a

um forte apelo evolucionista, que permite a este autor situar as pessoas da sociedade européia como estando “no último estágio de um processo de civilização”, como grifado acima.

Na última parte de “O processo da civilização”, Elias discute como o desenvolvimento do autocontrole e a diminuição da sensibilidade à violência, que nas sociedades européias ocidentais originou-se nas camadas mais altas destas sociedades e foram paulatinamente sendo incorporadas pelas camadas médias e baixas, percorre um caminho semelhante no seu processo de difusão para outras sociedades. Neste sentido, “a sociedade ocidental – a que podemos considerar aqui como uma espécie de classe superior – difunde hoje modos de comportamento ocidentais ‘civilizados’, por meio do assentamento de ocidentais ou por meio da assimilação das classes superiores de outros povos, em espaços territoriais não-ocidentais” (1989:468). Como o próprio autor ressalta, o processo interno nestas sociedades “não-ocidentais” deveria repetir, com poucas variações, aquele ocorrido nas metrópoles. Assim, em cada uma delas, os setores socialmente dominantes incorporariam mais rapidamente os valores e padrões de conduta trazidos pelos colonizadores, enquanto “as classes inferiores expressariam mais diretamente seus afetos e instintos e seu comportamento estaria regulado de modo muito menos estrito que o das classes superiores” (1989:466).

O estudo das relações entre esporte e emoção, no entanto, permite ver como esta incorporação de um conjunto de condutas mais contidas que, paulatinamente, seria incorporado pela população como um todo deve ser relativizado e colocado, como sugere Lutz e Abu-Lughod, em contexto. Mesmo levando-se em consideração que Elias admite, no esporte, um maior espaço para a expressão de um “controlado descontrole das emoções”, certas afirmações que encontramos entre alguns atletas brasileiros

parecem dizer mais respeito a uma necessidade de identificação com o que se rotula de “características brasileiras” do que com a descarga de tensões acumuladas durante as competições.

Assim, o caso do iatista Robert Scheidt é sintomático. Scheidt é descendente de alemães, tendo não só o sobrenome mas o tipo físico que faz com que parte da imprensa o identifique como “europeu”, como na parte da transmissão descrita abaixo:

“O locutor diz que se pode ver a emoção nos olhos dele (Scheidt), cheios de água. O comentarista fala que ele é filho de alemães, logo mais frio, se emociona menos. O locutor contrapõe que não era nada disso, que ele deu uma declaração de que era brasileiro, que se emociona e tem sangue latino” (22/08, locutor e comentarista discutem a “brasilidade” de Robert Scheidt durante a cerimônia de premiação).

Mas interessante do que a polêmica entre o locutor e o comentarista é a suposta declaração do próprio atleta, que parece consciente de que dele é cobrada uma atitude mais “brasileira”, reafirmando então a sintonia entre “ter sangue latino” e se emocionar. Assim, o que poderia ser visto, na leitura de Elias, como o padrão de comportamento das “classes mais baixas” passa a servir de parâmetro, pelo menos no contexto das competições de maior apelo midiático, para a identificação de um atleta normalmente percebido como sendo “de elite” (tanto pela já referida ascendência alemã, quanto pelo tipo de esporte praticado – o iatismo) com o que é reiteradamente apresentado como sendo o traço mais visível de uma “identidade nacional” nestes momentos, isto é, a maior capacidade de expressar as emoções, comparativamente aos atletas (e mesmo aos torcedores) de outros países.

Através do acompanhamento das transmissões esportivas nas Olimpíadas de 2004, foi possível identificar uma gradação apresentada em termos metafóricos entre dois pólos (frio/quente) associados a um maior ou menor controle emocional. Nesta

escala, os europeus (principalmente os do norte e do leste) e os americanos estariam em um dos extremos e os latino-americanos (chilenos e brasileiros, nestes exemplos) próximos ao outro pólo (embora sem exemplos neste estudo, o discurso da mídia, que associa emotividade com “raça”, permite situar os países africanos neste outro extremo), com os europeus do mediterrâneo (como a Grécia e a Itália) em uma situação intermediária:

“Ela ganhou com muita calma, germanicamente” (14/08, vôlei feminino, Alemanha 3 x 2 Cuba, após a conquista do último ponto).

“Agora fica difícil, pois elas são muito geladas e vão ficar controlando a bola” (18/08, basquete feminino, Brasil x Rússia, nos minutos finais quando o Brasil perdia o jogo).

“Os lituanos são frios e calculistas, não se deixam abalar pela torcida toda contra eles, nem pelo fato de estarem em uma Olimpíada” (19/08, basquete masculino, Lituânia x Grécia).

“O chileno joga com muito mais garra do que o americano” (20/08, final do tênis masculino, terminou com a vitória do chileno após partida longa e difícil).

“Os italianos jogam na ‘catimba’(1) e o juiz, oriental, não entende isso” (29/08, final do vôlei masculino, Brasil x Itália, após um lance favorável aos italianos).

Creio que um número maior de observações poderia complementar este quadro e aproximá-lo ainda mais do observado por Gastaldo, em uma das propagandas televisivas para a Copa do Mundo de 1998. Nesta propaganda são mostradas seleções perfiladas para a execução do hino que antecede o início das partidas de futebol, mas em vez do hino é tocado um funk que simboliza o produto anunciado. A análise de Gastaldo ressalta que a forma com que cada seleção reage é feita “a partir da representação do talento de cada ‘nação/etnia’ (já que cada um dos ‘times’ é emblemático tanto de uma nação quanto de um grupo étnico) para o improviso e a dança” (2002:169-170). Esta análise permite, então, a montagem de uma escala, que vai dos “europeus (alemães), sem ‘jogo de cintura’ (...) depois os ‘orientais’ (japoneses) (...) em seguida os ‘latinos’ (argentinos) (...) por fim os ‘africanos’, que realizam uma dança

exuberante, acrobática e em conjunto, demonstrando não apenas saber lidar com o imprevisto, mas fazê-lo com brilho e talento incomparáveis” (2002:170).

Os dois discursos acima (tomando o conjunto das transmissões durante os Jogos Olímpicos como um discurso razoavelmente homogêneo) fornecem um bom exemplo de combinação entre as abordagens essencialista e culturalista das emoções. Assim, as emoções suscitadas pela prática esportiva, principalmente pela competição em seu mais alto grau, como é representada pelos Jogos Olímpicos, bem como pela música, seriam universais, como é reforçado por este outro conjunto de falas, que observei durante as transmissões de situações em que atletas de países tidos como “frios” explicitavam suas emoções ou, pelo contrário, “controlavam” estas emoções em situações tidas como de grande intensidade emocional:

“Ela não precisa se conter, pois não está no foco” (17/08, durante premiação do judô feminino, locutor fala da diferença entre a japonesa que está no pódio, ganhando a medalha de ouro e que está “aparentemente tranquila”, e sua colega de equipe que chora na arquibancada).

“Segurou o choro ... tem que soltar esta emoção!” (17/08, locutor diz que uma ginasta romena “segurou a emoção” ao receber a medalha de ouro).

“Em uma montagem, um dos canais passa imagens de um remador norueguês. As imagens da prova são intercaladas com a narração que diz: “a expressão do esforço”, quando ele está em uma posição intermediária durante a prova; “a expressão da reação”, quando ele vai ultrapassando seus concorrentes e, por fim, “a expressão da humanidade”, quando ele chora ao receber a medalha de ouro” (21/08, montagem feita por um dos canais de TV a cabo).

É meu objetivo, portanto, debater nesta pesquisa a importância da “expressividade emocional” entre os próprios atletas, como um idioma em que se constrói ou reforça uma pretensa “identidade nacional”. Nesta abordagem, como já foi indicado, estarei particularmente atento para pensar as relações de poder constituídas por esta produção discursiva sobre as emoções. Neste ponto cabe ressaltar que, em uma sociedade complexa como é o caso da sociedade brasileira, dificilmente encontramos

uma homogeneidade nas diversas vozes que se pronunciam, o que não significa, por outro lado, a inexistência de discursos hegemônicos.

Assim, em primeiro, lugar estes discursos parecem situar a sociedade brasileira dentro do conjunto das nações. Se praticamente todos eles reforçam a “cordialidade” como um traço inequívoco de “ser brasileiro”, esta é ora associada com a incapacidade de autocontrole, que prejudica o desempenho dos atletas e das equipes, ora é positivamente avaliada, seja na maior capacidade de construção de uma relação simpática entre os torcedores brasileiros e os locais, seja na mistura entre técnica e criatividade.

Em segundo lugar, estreitamente vinculada com a construção desta “identidade nacional”, é possível encontrar um discurso que articula esporte, emoção e etnicidade. Deste modo, esta capacidade de explorar os limites das regras e dos esquemas táticos, desenvolvendo novas jogadas e utilizando o “jeitinho brasileiro” para sair de situações difíceis (2), seria resultado do que Freyre (1973) identificou como sendo o processo de formação social do povo brasileiro, através do somatório positivo da contribuição das “três raças formadoras” (o branco português colonizador, o negro africano e os índios locais). Assim, os “impulsos irracionais dos mestiços e das pessoas de cor” em sua mescla com a racionalidade européia teriam conformado um “tipo social” capaz de adaptar as invenções estrangeiras (o esporte e, no caso específico da análise de Freyre, o futebol) e transformá-las em uma marca de excelência nacional. Entretanto, ao lado deste elogio da miscigenação, vimos que, mais de cinquenta anos depois deste texto de Freyre, ainda é a loura Mari que “ensinaria” a separação entre a “emoção do esporte” (associada ao lazer dos domingos) e a “racionalidade necessária à vida cotidiana” (identificada com o trabalho da segunda-feira).

Outra associação que aparece com grande destaque é a que vincula esporte, emoção e gênero. Assim, embora brasileiros em geral (homens e mulheres) sejam identificados como sendo emotivos, esta característica influenciaria ainda mais fortemente o desempenho (normalmente com uma influência negativa) das mulheres. Um dos exemplos mais marcantes deste discurso foi dado pela seleção feminina de futebol. Desde o período de preparação para os Jogos Olímpicos de Atenas, a comissão técnica enfatizou a importância do preparo emocional, inclusive com utilização de métodos específicos para motivar e dar “equilíbrio emocional” às atletas. Já durante os jogos, as transmissões das partidas enfatizavam constantemente que as jogadoras do Brasil “perdiam para elas mesmas”, com um dos comentaristas, momentos antes da partida de estréia da seleção, afirmando que “falta equilíbrio emocional às nossas jogadoras de futebol”. Neste aspecto, a figura do treinador (Renê Simões) era constantemente citada como uma influência positiva, com o próprio técnico referendando este tipo de comentário, o que ficou nítido em sua declaração antes da decisão da medalha de ouro, quando ele disse que “será difícil controlar a emoção das jogadoras para a final. Uma das jogadoras pediu para deixá-la chorar. Eu tenho mulher e duas filhas e *sei que mulher é assim mesmo, tem que deixar viver a emoção*” (grifo meu).

Este maior “descontrole emocional” da mulher é também, muitas vezes, reforçado por um discurso biologizante que projeta no corpo feminino, principalmente em seus aspectos hormonais, características que o deixaria mais propenso a alterações de humor. Nesta direção, a presença marcante de mulheres na delegação brasileira que competiu em Atenas (quase cinquenta por cento do total de atletas) suscitou, dias antes do início dos Jogos, a elaboração de uma reportagem, no site da UOL (Universo On-



Line), sobre a influência da Tensão Pré-Menstrual (TPM) no rendimento das atletas. A matéria inicia com a declaração de uma atleta que “sente falta de concentração e nervosismo. *O autocontrole se perde e ela se deixa levar pelas emoções.*” (<http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/ultimas/2004/08/11/ult2246u465.jhtm>, grifo meu). A partir daí, alternam-se as declarações de médicos que acompanham equipes de diversas modalidades com as de outras atletas, todas reforçando as consequências da TPM e os diferentes métodos que cada uma utiliza para lidar com este “problema”. Sendo este um tema que merece uma discussão mais aprofundada no decorrer desta pesquisa, cabe apenas comparar a declaração de Érika (jogadora de vôlei) nesta matéria de que “na Olimpíada está todo mundo com um astral tão alto que ninguém sente nada” e que foi apresentada como “a melhor receita para controlar os efeitos da TPM”, com a reportagem do jornal O Globo no dia seguinte à derrota para a Rússia (27/08), que eliminou a seleção brasileira da disputa da medalha de ouro. Aqui, esta derrota é apresentada como um drama e que “começou à tarde, quando Érika, maior pontuadora do time até a semifinal, procurou o pronto-socorro da Vila Olímpica por conta de uma tensão pré-menstrual”. Embora falte aqui a declaração da própria Érika, que foi substituída no primeiro set desta partida, é interessante identificar que as emoções são vividas de formas diferenciadas em cada contexto, ou seja, na situação de uma reportagem, ainda antes do início dos Jogos, nos quais a seleção brasileira de vôlei feminino era apresentada como potencial candidata ao título, e no dia da partida que decidiria uma das vagas para a decisão da medalha de ouro.

Se, no tema do esporte em geral (com exceção dos estudos sobre futebol), nota-se a carência de trabalhos acadêmicos, o esporte paraolímpico parece relegado a um abandono ainda maior. Isto provavelmente se deve também a quase invisibilidade de

sua prática para o público em geral, o que somente agora, com a transmissão dos Jogos de Atenas por uma emissora de TV a cabo e com a cobertura dos principais jornais e dos noticiários dos canais de televisão aberta, começa a ser modificado. Assim, ainda mais do que as demais observações, as que realizei durante o acompanhamento destes Jogos Paraolímpicos têm um caráter de possibilitar construir apenas algumas suposições, que o decorrer desta pesquisa pretende aprofundar. Neste sentido, ao lado de uma permanente preocupação da mídia em enfatizar o caráter de superação dos atletas que, tendo algum tipo de deficiência física, praticam esportes em alto nível, parece haver uma homogeneização das expectativas em relação à expressividade emocional. Neste contexto, independente de países, de grupos étnicos ou de gênero, a cobertura televisiva enfatizou a uniformidade da emoção de quem superou as barreiras impostas pelas deficiências físicas. Se esta perspectiva é fruto de uma ainda incipiente cobertura deste tipo de esporte ou de um “relaxamento” das cobranças de autocontrole em relação aos portadores de deficiência, é algo a ser desenvolvido por observações mais aprofundadas sobre este tema.

## **Conclusão**

Em seu trabalho sobre Antropologia das emoções, Rosaldo (1984) preocupa-se com que pesquisas que estudam a emoção, levando em consideração o social, possam sugerir a existência de correlações entre construtos emotivos e formas de sociedade, possibilitando um novo tipo de estudos sobre caráter nacional. Para Abu-Lughod, que

compartilha desta preocupação, uma alternativa seria a ênfase na análise das relações entre discursos sobre emoção e relações de poder, reforçando o aspecto contextualista da produção destes discursos. Assim, segundo esta autora, “podemos observar a relação entre emoção, vida social e poder como Lutz (1986) faz ao notar as funções ideológicas de certas atribuições de emoções (por exemplo, rotular mulheres, crianças, povos primitivos e as classes baixas de emotivas ‘para justificar a exclusão destes indivíduos de posições de poder e responsabilidade’ [Lutz 1986:294]) ou então ao examinar os contextos sociais em que discursos emotivos são acionados” (Abu-Lughod 1990:4).

Reforça-se, deste modo, a importância de se pensar quais são as relações de poder construídas ou reforçadas por meio dos discursos da emoção no esporte, veiculados pela mídia, pelo público e, no caso deste trabalho, pelos próprios atletas. Os principais aspectos identificados pelas primeiras observações realizadas, ainda exclusivamente através da mediação da imprensa, parecem reforçar a afirmação de Lutz de que “o uso de conceitos de emoção, como elementos da prática ideológica local, envolvem negociações sobre o significado de eventos, sobre direitos e moralidade, sobre controle de recursos – em resumo, envolvem batalhas sobre a totalidade de questões que interessam aos grupos humanos” (1988:5). Assim, podemos perceber de que forma o discurso sobre a emoção, como expressão de uma “identidade nacional”, pode ser melhor entendido dentro das complexas relações de poder entre as diferentes “identidades” – étnicas, de gênero, de classe e de portadores de deficiências físicas, entre outras – que se relacionam em uma sociedade complexa como a brasileira. Aprofundar o conhecimento sobre estas relações entre os discursos emotivos e as relações de poder entre os diversos grupos da sociedade será, desta maneira, um dos objetivos principais desta pesquisa.

## **Notas**

(1) “Catimba” é uma forma específica de malandragem esportiva, que consiste principalmente em provocar o adversário, tentando desestabilizá-lo emocionalmente, através de uma série de posturas corporais (olhares, contatos físicos que poderiam ser considerados como involuntários – portanto não passíveis de punição – risos e outros) (e de reclamações constantes sobre a validade dos pontos do oponente).

(2) O “jeitinho” aplicado ao esporte pode ser visto aqui como associado à malandragem que Soares (1994) identificou como incorporada ao modo brasileiro de jogar futebol. O advento da malandragem no futebol brasileiro é situado por Freyre e Mário Filho (2003) a partir da presença negra nas equipes e nos selecionados nacionais.

## Referências bibliográficas

- ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine. 1990. *Introduction to language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press.
- ABU-LUGHOD, Lila. 1990. “A dinâmica política da poesia de amor beduína”. In: ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine (orgs.). *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press.
- AVELINO FILHO, George. 1987. “As raízes de Raízes do Brasil”. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 18:33-41.
- AGOSTINO, Gilberto. 2002. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad.
- DaMATTA, Roberto. 1997. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ELIAS, Norbert. 1989. *El proceso de la civilización*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.
- \_\_\_\_\_ & DUNNING, Eric. 1992. *Em busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- FILHO, Mário. 2003. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad.
- FREYRE, Gilberto. 1973. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- \_\_\_\_\_. 2003. “O negro no futebol brasileiro”. In FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad.
- GASTALDO, Édison. 2002. *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. 1995. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras.
- LUTZ, Catherine. 1988. *Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western theory*. Chicago: University of Chicago.
- REZENDE, Cláudia. 2002. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- ROSALDO, Michelle. 1984. “Towards an Anthropology of self and feeling”. In: SHWEDER, R. & LEVINE, R.A. (eds). *Culture theory: essays on mind, self and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SOARES, Antônio J. 1994. *Futebol, malandragem e identidade*. Vitória: SPDC/UFES.

TAVARES, Otávio. 2003. *Esporte, Movimento Olímpico e Democracia: o atleta como mediador*. Rio de Janeiro: Tese de doutorado, PPGEF / UGF.

**Sobre o autor:**

**Luiz Fernando Rojo** é mestre e doutor em Ciências Sociais pela UERJ. Autor de *Os Diversos Tons do Branco: relações de amizade entre estudantes de Medicina*, Rio de Janeiro: Editora Litteris, atualmente pesquisando os discursos sobre a emoção entre atletas olímpicos.